

**MOSTEIRO DE SÃO BENTO - SÃO PAULO**  
**FACULDADE SÃO BENTO - SÃO PAULO**  
**CURSO DE TEOLOGIA**

**FLÁVIO ALVES ROSÁRIO**

**O SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS**

**SÃO PAULO-SP**  
**ANO 2017**

FLAVIO ALVES ROSÁRIO

## **O SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS**

Texto apresentado ao curso de Graduação em Teologia de Liturgia Sacramental pela Faculdade São Bento como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Teologia. Orientador: Professor Dr. Sérgio Alejandro Ribaric

---

**Professor Sérgio Alejandro Ribaric**

**Orientador da Banca**

---

**Membro da Banca**

---

**Membro da Banca**

**SÃO PAULO-SP - ANO 2017**

**MOSTEIRO DE SÃO BENTO - SÃO PAULO**  
**FACULDADE SÃO BENTO - SÃO PAULO**  
**CURSO DE TEOLOGIA**

**FLÁVIO ALVES ROSÁRIO**

**O SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS**

Texto apresentado ao curso de Graduação em Teologia de Liturgia Sacramental pela Faculdade São Bento como requisito parcial para obtenção de título de licenciatura em Teologia. Orientador: Professor Dr. Sérgio Alejandro Ribaric

SÃO PAULO - SP  
ANO 2017

## AGRADECIMENTOS

Dedico este meu trabalho aos irmãos que acompanharam minha luta e dedicação ao serviço do reino de Deus. E destaco, entre elas, meu pai, Abel Aparecido Rosário (in memoriam); minha mãe, Maria Aparecida Alves da Conceição Rosário; irmã, Lilian Ap. Alves Rosário; a Sua Excelência Reverendíssima, Dom Joaquim Justino Carreira (in memoriam); Aos meus padrinhos : Dom Abade Mathias Tolentino Braga; Fernanda Ferrari e Odair Ferrari; madrinhas espirituais - Irmã Nazaré OSB, Irmã Alice Congregação de Jesus Cristo Crucificado (in memóriam), Maria Pauleto, Reginaldo Pugas, Renata de Souza Facina, Alexandre Facina, Claudemir Perpétuo, Fabiana Cabral, Alessandra Imídio e Adilson, Camila Biral e Rodrigo Biral, Silvia Di Célio e Émerson Ananias, Heloisa Diamantina Lopes, Gracino Gomes, Magda Gotardo e família; tios Galileu Alves, Dolores Alves, Rosa Maria Alves, Marina Alves e demais primos. Aos meus irmãos de Paróquia: Newton Mourão, Paulo Gonçalves, Pe. Reinaldo (in memoriam), Pe. Paulo Cesar Dictoro, aos padres de minha Congregação dos Filhos da Caridade ;Pe. Júlio César, Pe. José Mahon, Pe. Miguel Lemarchand ,Padre Jailson dos Santos, Padre Luiz Tofanelli e Pe. Jorge da Cruz Superior provincial, Pe. Eduvaldo Marcansola (in memoriam), Pe. Benedito Luiz Aparecido de Godoi, Monsenhor Anatólio Brasil Pompeu ao qual me batizou (in memoriam), Pe. Francisco Carlos Consortti (in memoriam), Pe. Luiz Fernando de Oliveira, Pe. José Messias Moreira; professores da Teologia: Pe. Danilo Mondoni SJ, Sérgio Alejandro Ribaric, Rita de Cácia Ló, Pe. Alexandre Awi Mello; Dom Isáías, Pe. Eduardo, Frei Márcio Couto, Gabriel Frade Diácono Josivaldo da Congregação de São Felipe Néri, Padre Rogério Canonista e Padre João Ricardo de Moraes vice- chanceler do bispado de Bragança Paulista, e a todos os outros amigos que acompanham meu caminho.

*Todo aquele que o Pai me der, esse virá a mim; e o que vem a mim, de maneira alguma o excluirei. Pois, eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade do Pai, o qual me enviou: que eu não perca nenhum de todos os que Ele me deu, mas que eu os ressuscite no último dia.*

*(João 6,37-39)*

## ÍNDICE

1.Introdução.....	08
2.Sacramento da Unção dos Enfermos.....	11
2.1 A enfermidade e a cura no Antigo Testamento.....	13
2.2 A enfermidade e cura no Novo Testamento.....	16
2.3 A prática da Igreja.....	17
2.4. Um breve olhar para a história.....	18
2.4.1. Do século VIII ao Concílio de Trento.....	19
2.4.2 Do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II.....	20
3. Conclusão.....	24
Anexos.....	26
Bibliografia.....	27

## **SIGLAS**

<b>SD</b>	Salvifici Doloris
<b>CIC</b>	Catecismo da Igreja Católica
<b>SC</b>	Sacrosanctum Concilium

## 1. INTRODUÇÃO

Próprios da condição humana, bem como a felicidade e todas as outras situações que vivenciamos no dia a dia, o sofrimento, a dor, angústia, a doença e a morte são realidades das quais ninguém pode se isentar. O homem já nasce sujeito a todos esses eventos e não há possibilidades de se esquivar de um ou outro, senão de amenizá-los ou de serem sentidos com menor intensidade, dependendo de cada indivíduo e de sua história de vida. Dentre os referidos fatos e situações a que somos condicionados pelo simples fato de sermos seres vivos, a morte, sem dúvida, é aquela que acomete a todos.

Compreender e agir de maneira consciente, todavia, diante das enfermidades e da morte é característica particular dos seres humanos: a nenhum outro ser são concedidas as faculdades de refletir sobre esse evento, sobre esse fato que, embora seja carregado de mistério, permeia a investigação humana ao longo de todos os séculos do surgimento do homem na Terra.

(...) aquilo que nós exprimimos com a palavra «sofrimento» parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, «destinado» a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo. (JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, 2)

Podemos e escolhemos entender um pouco mais sobre esse evento que, para muitos é tido simplesmente como uma falência física, na qual o sistema corporal deixa de exercer suas funções orgânicas e destina-se à corrupção; a outros, porém, a morte é passagem a uma realidade distinta, uma transição de um determinado contexto para outro.

Em meio às muitas interpretações sobre o sofrimento e a morte, a reflexão cristã propõe que, por meio da dor e da enfermidade, somos convidados a participar dos sofrimentos do próprio Cristo, reviver com Deus, que nos ampara em todas as situações, tudo aquilo por que passou enquanto peregrino nesta Terra. Pela contemplação do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, a Igreja revive em cada enfermo o sacrifício de Cristo, as dores que enfrentou com mansidão e obediência, no cumprimento dos desígnios de seu Pai.



As Sagradas Escrituras narram e a Tradição comprova e ensina que, em toda a caminhada de seu povo, Deus se faz presente. Quer no Antigo Testamento, no desenrolar da trajetória de seu povo escravo, no testemunho dos Patriarcas e Profetas, quer no Novo Testamento, em que Jesus Cristo mesmo realiza curas e milagres diretamente ligados às enfermidades daqueles que ao Senhor acorriam, crendo no seu poder transformador, quer em toda a existência da Igreja no sofrimento dos santos, por exemplo, tão conhecidos na história, Deus nunca abandona seus filhos. Ao contrário, ainda mais na angústia e na dor, é o Senhor que demonstra sua misericórdia e alivia dos males corporais e espirituais.

O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, “destinado” a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo. Se o tema do sofrimento deve ser tratado de modo especial no contexto do Ano Santo da Redenção, isso sucede, primeiro que tudo, porque a Redenção se realizou mediante a Cruz de Cristo, ou seja, pelo seu sofrimento. (SD, 3).

Com este propósito de manifestar seu grande amor por seus filhos, também na hora derradeira, o Senhor, por meio da Igreja, lança mão de um sinal, um instrumento eficaz de santificação do homem rumo à Jerusalém celeste: o sacramento da Unção dos Enfermos. Como os demais sacramentos, a Unção é instituída pelo próprio Cristo e encerra uma ferramenta para orientar e suportar aqueles que sofrem, uma forma de demonstrar que caminhamos para Deus.

A Unção dos Doentes é um sacramento insinuado como tal no Evangelho de S. Marcos (cf. Mc 6,13), recomendado e promulgado aos fieis pelo Apóstolo S. Tiago:

Algum de vós está doente? Chame os presbíteros da Igreja e que estes orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. (Tg 5,14-15).

A Unção dos Enfermos, portanto, sob uma perspectiva escatológica, registra-se como maneira de evidenciar que somos caminhantes nesta terra provisória e que toda nossa existência se orienta para Deus. Vivemos, aqui e agora, efetivando na história nossa relação com Deus, para o qual tudo se destina. Inclusive os sofrimentos a que o homem se depara no decorrer de sua história.

Essa visão escatológica é sentida também na administração do sacramento da Unção de modo que não somente o enfermo deposite sua plena confiança em Deus, mas também para que todas as pessoas reconheçam que, inclusive no tempo da morte, Deus age na vida e história de seu povo e faz que este participe do mistério da salvação, consolidado de forma mais sublime no Sacrifício Pascal de Cristo. O sentido da doença do homem, dos seus sofrimentos e da morte, adquire em Cristo um novo significado. Compreendem-se à luz do desígnio salvador de Deus, mais concretamente, à luz do valor salvífico da dor assumida por Cristo, no mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição. Ao morrermos com Ele, também com Ele viveremos: a morte é, pois, condição para que comunguemos da ressurreição de Cristo e, um dia, contemplemo-Lo na glória eterna.

É por isso que tudo suportamos, por causa dos eleitos, a fim de que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com a glória eterna. Fiel é esta palavra: Se com ele morrermos, com ele viveremos. Se com ele sofremos, com ele reinaremos, se nós o renegamos também ele nos renegará. (2Timóteo 2,10-12)

## 2. SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS

Durante todo tempo que Jesus permaneceu na Terra, Ele realizou diversos milagres e, entre essas atividades, exercícios dos mais frequentes eram as curas que Ele fazia por onde passava. Essa foi uma das maneiras que o Filho de Deus encontrou para mostrar a chegada do Senhor e manifestar o amor infinito de Deus por nós. Muitas pessoas, na época, acreditavam que as doenças nada mais eram que espíritos maus, os quais se apossavam dos corpos dos indivíduos a fim de lhes trazerem punições e/ou castigos, ou ainda como modo de encerrarem naqueles que eram tomados pelas enfermidades, espécies de maldições.

Com a chegada, todavia, de Jesus, essas pessoas foram submetidas não somente a uma nova forma de pensamento, mas também e, principalmente, à contemplação e vivência de uma nova esperança: esperança de cura, esperança de reconhecimento. Além de Jesus e ordenados por Ele, que lhes concedeu o poder de curar em seu Nome, seus discípulos também realizavam as curas. E, mesmo depois que Jesus ressuscitou, os discípulos continuaram levando adiante essa missão.

Comovido com tantos sofrimentos, Cristo não apenas se deixa tocar pelos doentes, mas assume suas misérias: “Ele levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças”. Não curou todos os Enfermos. Suas curas eram sinais da vinda do Reino de Deus. Anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e a morte por sua Páscoa. (CIC 1504 p. 413)

Como se pode observar nos Atos dos Apóstolos, desde os primórdios do Cristianismo, a Igreja sempre se mostrou envolvida nessas questões dos Enfermos e moribundos, não somente com os cuidados como também com orações. Ao longo dos séculos seu trabalho foi evidenciado nas mais distintas obras: fundou diversos hospitais e asilos, afim de ajudar os necessitados; fomentou o trabalho de missionários; criou mecanismos e instituições dedicadas às obras da saúde, e, por ter uma grande relação com os doentes, o Sacramento da Unção dos Enfermos ocupa seu próprio lugar.

“Curai os Enfermos!” (Mateus 10, 8). A Igreja recebeu esta missão do Senhor e esforça-se por cumpri-la tanto pelos cuidados aos doentes como pela oração de

intercessão com os que acompanha. Ela crê na presença vivificante de Cristo, médico da alma e do corpo. Essa presença age particularmente por intermédio dos sacramentos e, de modo especial, pela Eucaristia, pão que dá a vida eterna a cujo liame com a saúde corporal São Paulo alude. (CIC 1509)

Uma vez que os textos da Sagrada Escritura foram compilados em épocas e contextos bem distintos, buscar uma compreensão do sentido da doença e da cura na Bíblia é tarefa muito complexa. Por questão de limites de espaço e pela objetividade deste estudo, vamos nos limitar a apresentar apenas alguns elementos que poderão servir de base para o entendimento do sentido teológico-litúrgico do sacramento da Unção dos Enfermos.

Para compreender melhor o sacramento, é importante refletirmos como a doença afeta o ser humano e saber que, cada pessoa reage a qualquer experiência ao seu modo próprio, seja em uma enfermidade gravíssima ou não. A separação da atividade normal pode causar também um senso de alienação das outras pessoas, na maior parte das vezes o enfermo se sente só, isolado por que é impedido de participar do cotidiano familiar.

A enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. Toda doença pode fazer-nos entrever a morte. A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca uma busca de Deus, um retorno a Ele. (CIC 1500-1501)

O sacramento da Unção dos Enfermos trata especificamente da cura, mas também é um sacramento de oração na sua integridade. A Igreja procura e segue ajudando a pessoa na sua integralidade rezando pela cura, oferecendo o bálsamo do conforto, fortalecendo a fé e a esperança, envolvendo o moribundo no amor misericordioso de nosso Senhor Jesus Cristo: é nEle e por Ele que alcançamos a cura. Segundo o Catecismo da Igreja:

Um dom particular do Espírito Santo. O principal dom deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias do estado de enfermidade grave ou da fragilidade da velhice. Esta graça é um dom do Espírito Santo que renova a confiança e a fé em Deus e fortalece contra as

tentações do maligno, tentação de desânimo e de angústia diante da morte. Esta assistência do Senhor pela força de seu Espírito quer levar o enfermo à cura da alma, mas também à do corpo, se for esta vontade de Deus. Além disso, “se ele cometeu pecados, eles lhe serão perdoados.” (Tg 5, 15) (CIC, 1520)

Em 1972, após o Concílio Vaticano II, prevaleceu o nome do Sacramento para Unção dos Enfermos, deixando de lado os antigos nomes que eram Extrema Unção ou Últimos Ritos. Dessa forma, determinava-se que o Sacramento não se destinava apenas para aqueles que estão perto da morte, mas sim para todos os que se encontram em momentos de aflição, dor, sofrimento ou angústias. Muitos salmos trazem a situação da enfermidade para dentro da oração e, por conseguinte, para dentro do relacionamento com Deus, por exemplo, o salmo 88.<sup>1</sup>

## **2.1. A enfermidade e a cura no Antigo testamento**

Com toda a mudança que ocorreu, ao longo do tempo, na vivência e administração do Sacramento, também se executou reabilitação de sua finalidade original. Parte-se, por isso, a uma abordagem sobre como as mudanças foram acontecendo na história. A Unção já existe desde antes da Igreja; comprovação de tal atividade encontramos no Antigo Testamento, onde notou-se que a doença, o sofrimento e a morte não foram planejados por Deus para o homem. Estas realidades foram introduzidas após o pecado de Adão (Gn 3). Os profetas de Israel vislumbraram um tempo em que Deus perdoaria o pecado dos homens e os libertaria de suas consequências (Is 33,24; 53,11). Também se encontram relatos com ilustrações de reis, sacerdotes e profetas sendo ungidos com sinal de sua missão e do dom de espírito de Deus, da mesma forma os objetos que seriam usados eram consagrados.

No Antigo Testamento, compreendido a partir do contexto cultural do oriente antigo, a doença aparece relacionada com as forças do mal e com o pecado. Uma forma comum de se obter a cura era a prática de exorcismos e ritos mágicos de cura. Na Bíblia, a questão da doença não é abordada de forma isolada ou mesmo do ponto de vista estrito da ciência, mas sim a partir da perspectiva religiosa, da relação do enfermo com Deus e vice-versa. A doença é tida como algo que afeta o ser humano por completo.

---

<sup>1</sup> FABER, Eva-Maria. Doutrina Católica dos Sacramentos. Loyola, São Paulo 2008, p.201.

A Sagrada Escritura se ocupa da significação da enfermidade e de seu porquê. Disso decorrem interpretações como a vinculação da enfermidade ao pecado, ao castigo de Deus e à possessão demoníaca. Em toda a história humana, percebem-se pessoas sujeitas ao sofrimento; varia, entretanto, a forma com que se compreendem tais situações de fragilidade, bem como o modo com que se vivenciam tais realidades. O homem pode receber com serenidade ou sujeitar-se à dor, à enfermidade, com uma manifestação de tranquilidade, sem impor ao “eu” uma violência no tratamento, uma revolta na aceitação. Logicamente, isso varia conforme o indivíduo, seu contexto, a espécie e intensidade do sofrimento e, muitas vezes, a ligação e/ou contiguidade com a morte.

As sagradas Escrituras descrevem, demonstrando aqui uma abordagem social circunscrita em contexto sócio religioso, várias personagens inquietas diante do sofrimento. Exemplo notável dessa angústia é Jó, que, embora encerrando em si, modelo de justiça e fidelidade a Deus, não compreendia os motivos de tamanho sofrimento que o acometia.

Sobre as narrativas do Antigo Testamento acerca do sofrimento humano diante das enfermidades, afirma o Catecismo da Igreja:

O homem do Antigo Testamento vive a doença diante de Deus. É diante de Deus que ele faz sua queixa sobre a enfermidade, e é dele, o Senhor da vida e da morte, que implora a cura. A enfermidade se torna caminho de conversão e o perdão de Deus dá início à cura. Israel chega à conclusão de que a doença, de uma forma misteriosa, está ligada ao pecado e ao mal que a fidelidade a Deus, segundo a sua lei, dá a vida: “Porque eu sou Iahweh, aquele que te restaura (Ex 15, 26). O profeta entrevê que o sofrimento também pode ter um sentido redentor para os pecados dos outros. Finalmente Isaías anuncia que Deus fará chegar um tempo para Sião em que toda falta será perdoada e toda doença será curada. (CIC 1502)

Para a cura de enfermidades, recorre-se a meios terapêuticos extraídos da natureza, especialmente das plantas. Dentre esses produtos, destaca-se o óleo, que além de ser empregado na cura e purificação de doenças era também utilizado na consagração de objetos (altares e monumentos) ou de pessoas (sacerdotes, profetas e reis). O óleo era muito usado para cura de feridas, preparação dos mortos e para cura dos doentes, mas também era indispensável em inúmeras atividades como cozinhar. Outra finalidade, de grande reconhecimento, para a produção dos óleos, era o feito de cosméticos e produtos de iluminação de ambientes. Por isso o óleo tornou-se símbolo de inúmeras coisas em

nossas vidas e em atividades rituais, então seu uso passou a simbolizar a saúde, beleza, força, a consagração e o Espírito de Deus.

A Unção. O simbolismo da Unção com óleo também é significativo do Espírito Santo, a ponto de tornar-se sinônimo dele. Na iniciação cristã, ela é o sinal sacramental da confirmação, chamada com acerto nas Igrejas do Oriente de “crismação”. Mas, para perceber toda a força deste simbolismo, há que retornar à Unção primeira realizada pelo Espírito Santo: a de Jesus. Cristo (“Messias” a partir do hebraico) significa “Ungido” do Espírito de Deus. Houve “ungidos” do Senhor na Antiga Aliança: de modo eminente o Rei Davi. Mas Jesus é o Ungido de Deus de uma forma única: a humanidade que o Filho assume é totalmente “ungida do Espírito Santo”. (CIC 695).

Jesus e seus discípulos também fizeram o uso do óleo em suas atividades religiosas e podemos ver isso em passagens neo-testamentárias: a primeira se encontra em Marcos 6,13 em que se narra que o Messias expulsou muitos demônios e sempre ungiu com óleo e curava os doentes. A passagem, porém, em que se descreve de maneira mais evidente o uso do óleo, encontra-se na carta de São Tiago 5, 13:

Sofre alguém dentre vós um contratempo. Recorra a oração. Está alguém alegre? Cante. Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé se tiver pecados, estes lhe serão perdoados. Confessai pois, uns aos outros, vossos pecados e orai uns pelos outros para que sejais curados. (Tg.5,13)

Com essa passagem veio a limitação posta da Unção dos Enfermos para os sacerdotes, essa interpretação não foi dada nos primeiros anos da Igreja, mas nessa passagem também podemos ver que Tiago ressalta bastante a Fé, então a oração que salva o enfermo, também podemos observar a ligação da cura e do perdão. E busca-se todo tipo de cura tanto a física quanto a espiritual.

A Unção com o santo crisma, óleo perfumado consagrado pelo Bispo, significa o dom do Espírito Santo ao novo batizado. Este tornou-se um cristão, isto é, “ungido” do Espírito Santo, incorporado a Cristo, que é ungiu sacerdote, profeta e rei. (CIC 1241 p. 346)

## 2.2 A enfermidade e cura no Novo Testamento

Nos textos do Novo Testamento, há inúmeras referências sobre diversos tipos de doenças, como febre, hemorragia, hidropisia... Muitas referências também de pessoas portadoras de deficiências físicas (coxos, cegos, surdos, mudos, paralíticos...). A forma como os textos indicam para a cura são: óleo (Mc 6,13; Lc 3,18; Tg 5,14), vinho (Lc 10,34), colírio para os olhos (Ap 3,18), águas (Jo 5,2ss.), saliva (Mc 7,33; Jo 9,6), barro (Jo 9,6ss.). Jesus se utiliza desses meios não apenas para curar, mas para dar novo sentido ao mistério do sofrimento humano. As curas realizadas por Jesus não são exemplos de curandeirismo mas são, na verdade, sinais messiânicos da salvação, da presença de Deus acontecendo aqui e agora e dessa forma apontando para a escatologia plena do Reino de Deus. As ações de Jesus nas curas realizadas são sinais simbólicos do poder libertador de Jesus em favor do ser humano na sua totalidade: a cura da enfermidade do corpo e a libertação da pessoa do pecado e da morte.

Em primeiro lugar, Jesus desvincula a concepção de que a doença é uma consequência do pecado ou castigo de Deus (Jo 9,1-2). Ele procura mostrar aos homens que a enfermidade deve ser enfrentada no âmbito da fé, como algo relacionado ao plano de Deus, como no episódio do cego de nascença: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus” (Jo 9,3). Mais tarde, Jesus dará novo sentido ao sofrimento e à morte, graças à sua entrega incondicional nas mãos do Pai, assumindo e redimindo a dor da humanidade. Desde então, a dor, a enfermidade e a morte não são obstáculos para o plano salvífico que Deus manifestou em Jesus Cristo.

Os discípulos de Jesus deram continuidade ao trabalho do Mestre. Curar os enfermos era tarefa primeira da missão evangelizadora da comunidade apostólica: “Eles saíram para proclamar que o povo se convertesse. Expulsavam muitos demônios, ungiam com óleo numerosos doentes e os curavam” (Mc 6,12-13). Em Atos dos Apóstolos, descreve-se como a comunidade dos fieis crescia graças a pregação, que os levava a conversão e ao batismo.



### 2.3 A prática da Igreja

As primeiras comunidades cristãs, desde cedo, praticaram os gestos (rituais) de cura realizados por Jesus. A Carta de Tiago é importante para esta reflexão pois serve de base para a reflexão teológica posterior sobre o que chamamos hoje de “Sacramento da unção dos enfermos”.

O apóstolo Tiago, além de apresentar uma prática que começava a se tornar comum entre eles, utiliza termos que expressam a situação do doente e a consequente ação pastoral da comunidade: oração, unção, conforto e alívio, cura, perdão dos pecados (Tg.5,13). Diferente das demais referências neotestamentárias sobre a enfermidade e a cura, o texto de Tiago apresenta, mais claramente, a intenção sacramental do gesto, unido à palavra de oração que a comunidade unida e como um todo, eleva a Deus em suplica ao enfermo. Ao falar do sofrimento e da alegria, o Apóstolo mostra que, seja qual for a circunstância, tudo deve ser percebido a partir de Deus e para Deus (oração e canto). Ao falar da enfermidade como tal, chama os presbíteros da comunidade. Esses agem com um gesto simbólico, a unção com óleo e uma oração feita com fé. Sob o efeito dessa dupla ação é que ocorre a salvação, o reerguimento e o perdão dos pecados. Trata-se de uma ação eclesial e comunitária, uma vez que é ministrada pelos presbíteros da Igreja. A eficácia está relacionada à oração de fé em Deus. Os efeitos se referem a cura do corpo, embora não se restrinjam a ela, mas ao ser humano, na sua totalidade. O efeito esperado da unção é, sobretudo, a restituição da saúde corporal. Só a partir do século VIII é que se começa a acentuar o efeito espiritual, ou seja, a remissão dos pecados.

Na liturgia oriental, bem como na ocidental, enumeram-se diversos relatos sobre as unções de Enfermos efetuadas com óleo abençoado. Era costume, porém, que sempre e cada vez mais a Unção fosse destinada àqueles que agonizavam e, por esse mesmo motivo, a Unção dos Enfermos, foi, durante séculos, denominada “extrema Unção”. Neste sacramento, a Igreja assegura uma forma toda especial de consolo daquelas pessoas que são cometidas pelos males mais diversos, a fim de que, conforme seja dos desígnios do Senhor, não somente recobre a saúde do corpo e da alma, mas também saiba agir com mansidão, sabedoria e tranquilidade diante dos sofrimentos da vida.

Igualmente que nos demais sacramentos, também a Unção dos Enfermos é fundamentada nas Sagradas Escrituras e vivenciada pela Igreja, esposa do Senhor Jesus Cristo, que continua sua missão nesta terra, rumo à pátria definitiva. Sobre isso, asseveramos o Catecismo da Igreja católica:

Entretanto, a Igreja apostólica conhece um rito próprio em favor dos doentes, atestado por S. Tiago: “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, unguindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados” (Tg 5, 14-15). A Tradição reconheceu neste rito um dos sete sacramentos da Igreja. A Igreja crê e confessa que existe, entre os sete sacramentos, um sacramento especialmente destinado a reconfortar aqueles que são provados pela enfermidade: a Unção dos Enfermos. (CIC 1420-1532).

## 2.4. Um breve olhar para a história

Nos três primeiros séculos da era cristã, percebe-se a continuidade da prática das primeiras comunidades, sobretudo no que tange à visita e atenção aos doentes. Consciente de que devia prolongar o ministério de Cristo e dos apóstolos, a Igreja se serve do testemunho e do sinal: a unção com óleo. As fórmulas litúrgico-sacramentais, não tinham então suas formas totalmente definidas. Há poucos registros de textos eucológicos, de orações ou de ritos, para a celebração da unção. A documentação dessas fórmulas eucológicas (ou bênçãos do óleo) para os enfermos, tornam-se mais abundantes somente a partir do século III. Nessas fórmulas se suplica a efusão do Espírito Santo para que cure os doentes das doenças restituindo-lhes a saúde do corpo, da alma e do espírito. O texto mais eloquente anterior a esse período é a “bênção do óleo”, contido na Tradição Apostólica e atribuído a Hipólito de Roma (ano 215):

Assim como, santificando este óleo, com o qual ungiestes reis, sacerdotes e profetas, concedei, ó Deus, a santidade aos que com ele são unguídos e aos que o recebem, assim também ele dê alívio àqueles que vierem a prová-lo e saúde aos que dele se servirem (ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2003, p.231).

Essa bênção aparece inserida na oração eucarística, com a cláusula: “Se alguém oferece óleo”. Nela, o bispo rende graças a Deus e pede santidade, alívio e saúde para quem se servisse daquele óleo. O texto nada diz sobre o ministro da unção.

Um importante documento pontifício é a carta de Inocêncio I a Decêncio, bispo de Gúbio (ano 416). Respondendo a uma pergunta de Decêncio – se o bispo pode dar a

unção aos doentes, pois Tiago, em sua Carta já citada, fala apenas de presbíteros –, Inocêncio responde:

Tua caridade mencionou o que está escrito na carta do bem-aventurado Apóstolo Tiago: “Se há um enfermo entre vós, chame os presbíteros, e rezem sobre ele, ungiendo-o com óleo no nome do Senhor, e a oração da fé salvará aquele que sofre, e que o Senhor o levantará; e, se cometeu algum pecado, lhe perdoará”. Não há dúvida de que isto deva ser recebido e entendido a respeito dos fiéis enfermos, os quais podem ser ungidos com o santo óleo do crisma, que, consagrado pelo bispo, pode ser usado para unção não somente pelos sacerdotes, mas também por todos os cristãos para necessidade própria ou dos parentes. (DENZINGER-HÜNERMANN, 2007, n.216)

De resto, nesta matéria são mencionados os presbíteros porque os bispos, empenhados em outros afazeres, não podiam visitar cada doente. Mas um bispo pode também, já que lhe compete a consagração do crisma, sem dúvida, tanto benzer como ungir com o crisma. Como se vê, não somente o bispo, mas também presbíteros e todos os cristãos, com exceção dos penitentes, podem ministrar o sacramento. No entanto, a “confeção” do óleo destinado a este sacramento (à semelhança da eucaristia) compete ao bispo que a faz durante a oração eucarística (na eucaristia da quinta-feira santa).

#### **2.4.1 Do século VIII ao Concílio de Trento**

Nesse período, além da proliferação de rituais, acontecem mudanças significativas na teologia e na prática pastoral do sacramento da unção dos enfermos, devido a clericalização e o conseqüente (e necessário) monopólio do clero na administração do sacramento. As práticas de penitências associadas ao sacramento, ou seja: para recebê-lo, é necessário o perdão dos pecados pela penitência, também surgem neste período, bem como a Unção passa a ser considerada como sacramento a pessoas que se encontram em perigo de morte. Daí o nome que prevaleceu até o século XX: “Extrema Unção”.

Em linhas gerais, esses ritos obedecem à seguinte ordem: entrada na casa, bênção e aspersão da água, confissão e ritos penitenciais (leitura de salmos e orações), unções e comunhão como viático. Do séc. XI ao Concílio de Trento (séc. XVI), a celebração e a prática da extrema unção não sofrem mudanças significativas. A partir do séc. XIII, muda-se a seqüência: penitência – unção – viático, para: penitência – eucaristia – unção (esta deve ser o último sacramento, pois prepara imediatamente para a glória do céu,

apagando os últimos resquícios do pecado). Essa sequência permanecerá nos rituais até o Vaticano II, quando a reforma litúrgica se voltará à tradição mais antiga.

Teólogos escolásticos como Pedro Lombardo, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, João Duns Scotus etc desenvolvem uma teologia da unção, ressaltando algumas características que, de certa forma, se distancia da tradição primitiva. Enfatizam o efeito espiritual do sacramento, na pessoa que se encontra em perigo de morte e no caráter secundário da cura.

O Concílio de Trento, preocupado em contestar as críticas dos reformadores, toma como base de argumentação da legitimidade e eficácia do sacramento da unção a teologia escolástica, especialmente a de Tomás de Aquino. Apoiando-se nos textos de Mc 6,13 e de Tiago 5,14-16, Trento enfoca, dentre outras coisas, que a unção é sacramento que remonta, em última instância, à vontade de Cristo, como se percebe claramente na missão dos doze e em posição frente aos doentes. O conteúdo do sacramento é a graça do Espírito Santo, cuja unção (efeito) apaga os delitos e as sequelas do pecado, consola e confirma a alma do doente, excitando nele uma grande confiança na misericórdia divina e, eventualmente, obtém a saúde do corpo quando for conveniente à salvação da alma. O ministro da sagrada unção é o presbítero, e o momento da administração do sacramento é, de preferência, quando o enfermo estiver correndo risco iminente de morte (cf. DENZINGER-HÜNERMANN, 2007, n.1695-1697).

#### **2.4.2 Do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II**

Apesar de, na Igreja antiga, pouco se documenta sobre o sacramento da Unção dos Enfermos, após o Concílio de Trento o sacramento adquire uma propriedade mais presente na vida da Igreja, como o próprio Jesus lhe conferiu à Igreja, quando, como sacramento, foi instituído por Ele (Mc 6, 13), e como recebeu com a recomendação e promulgação do apóstolo São Tiago (Tg 5, 13-14).

Nos primeiros oitocentos anos, o sacramento era visto claramente como o rito dos enfermos. Não existe quase nenhuma menção do uso da Unção aos enfermos moribundos. A Unção era o sacramento da cura e fazia parte do cuidado normal que a Igreja tinha com os enfermos.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MICK, Lawrence E. **Para entender os sacramentos**. São Paulo, Loyola, 2008, p. 94.

Os motivos para que permanecesse tão limitado nas referências não nos é de difícil compreensão: os sacramentos da Eucaristia, Batismo e Penitência foram privilegiados pelo olhar da Igreja nos primeiros séculos; assimilou-se pacificamente o rito da Unção visto que era uma prática comum da época e, conseqüentemente, não se consolidava como objeto de discussões, tampouco de polêmica entre os adeptos da fé cristã; a carta de São Tiago não gozava de grande conhecimento.

Não somente pelo óleo, mas com diversos instrumentos, Jesus conduz os Enfermos à fé, utiliza saliva (Jo 9.6,7), e impõe as mãos (Mc 16.18) recorre à lama (Mc 6,56) e à ablução<sup>3</sup>. Relembra os milagres de Eliseu em 2Rs5,10-14 e permite que os doentes O toquem porque, quando O tocavam, sentiam a força sair de Jesus e restituí-lhes a saúde. Dessa mesma forma, hoje, na administração dos sacramentos, Cristo perpetua suas curas aos Enfermos e manifesta aquele mesmo sentimento de compaixão tantas vezes narrado nas Sagradas Escrituras.

A compaixão de Cristo para com os doentes e suas numerosas curas de Enfermos de todo tipo são um sinal evidente de que “Deus visitou o seu povo” e de que o Reino de Deus está bem próximo. Jesus não só tem o poder de curar, mas também de perdoar os pecados: ele veio curar o homem inteiro, alma e corpo; é o médico de que necessitam os doentes. Sua compaixão para com todos aqueles que sofrem é tão grande que ele se identifica com eles: “Estive doente e me visitastes” (Mc 25, 36). Seu amor de predileção pelos Enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção toda especial dos cristãos para com todos os que sofrem no corpo e na alma. Esse amor está na origem dos incansáveis esforços para aliviá-los. (CIC 1503)

Ao longo dos quatro séculos que separam o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II, o estudo desse sacramento praticamente ficou vinculado ao tratado sobre a penitência. Com o Movimento Litúrgico, especialmente a partir da década de 1940, é que se desencadeou uma renovação teológica. Isso graças ao estudo das fontes da Tradição e ao desejo de superar uma concepção mágica dos sacramentos.

Os teólogos alemães acentuam a dimensão escatológica do sacramento, relacionando a última unção com a unção batismal. A unção é tida como “consagração

---

<sup>3</sup> Ablução é o ato judaico de lavagem de mãos em sinal de rito cúltico de purificação. Relembra os milagres de Eliseu em 2Rs5,10-14.

para a última luta”, como “sacramento da ressurreição”, como lugar da auto realização da esperança escatológica da Igreja no momento definitivo. Os franceses, por sua vez, enveredam por uma teologia de cunho mais existencial. Seguem de perto a teologia da Igreja primitiva, acentuam a destinação da unção dos enfermos (não necessariamente em perigo de morte) em seu caráter curativo e terapêutico para o ser humano integral. Nesse entendimento, só o viático deve ser “sacramento na perspectiva da morte” (cf. BOROBIO, 1993, p.557-8).

O Concílio Vaticano II não deu e nem teve pretensão de oferecer uma doutrina completa sobre a unção. Contudo, concentrou a atenção no âmbito litúrgico-pastoral. Dentre os documentos conciliares que aludem ao sacramento da unção dos enfermos, além da *Sacrosanctum Concilium*, merece destaque a Constituição *Lumen Gentium* (n.11). Aqui, vêm sublinhadas as principais dimensões eclesiológica, cristológica e antropológica do sacramento.

A *Sacrosanctum Concilium* determina:

a) Que seu melhor nome é “Unção dos Enfermos” e que não se trata de um sacramento só para quem está em perigo de morte, mas para outros doentes e pessoas idosas (SC 73);

b) Assinala que além dos ritos separados da unção dos enfermos e do viático, seja realizado um rito conjunto pelo qual se administre a unção ao enfermo depois da confissão e antes da recepção do viático (SC 74). Essa ordenação penitência-unção-viático reproduz, de alguma forma, aquela dos sacramentos de iniciação: batismo-confirmação-eucaristia;

c) Que o número de unções seja acomodado às circunstâncias dos enfermos e que os ritos sejam revistos para melhor corresponderem às condições dos destinatários do sacramento (SC 75).

Outras orientações teológico-litúrgico-pastorais são encontradas na “Constituição apostólica sobre o sacramento da unção dos enfermos” de Paulo VI e na “Introdução” do novo ritual da unção dos enfermos, publicado em janeiro de 1973. A “Constituição apostólica” foi importante e oportuna pelo fato de ter criado mudanças em elementos essenciais do rito, como a matéria, a forma e as disposições sobre a reiterabilidade do sacramento. Para a matéria, ficou estabelecido que se pode utilizar outro tipo de óleo vegetal, até então utilizado exclusivamente o de oliveira. A fórmula do sacramento foi modificada de modo a poder exprimir maior clareza sobre sua natureza sacramental e seus efeitos. O texto definitivo, na tradução oficial brasileira, ficou assim:

“Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos”.

A unção é dada na frente e nas mãos, podendo ser restringido a uma só, na frente, ou em outra parte do corpo. O sacramento pode ser administrado mais vezes, dependendo da duração da enfermidade ou de seu agravamento.

A “Introdução” do novo ritual da unção dos enfermos, de janeiro de 1973, contém os ritos para a comunhão dos enfermos, para a unção dos enfermos, para o viático, para a administração dos sacramentos em perigo de morte iminente e para a encomendação de agonizantes. Seguem-se várias orações e leituras a serem utilizadas nestas celebrações. Um breve texto inicial discorre sobre “A enfermidade humana e seu significado no mistério da salvação”, onde se apresenta uma síntese do pensamento cristão sobre o estado de doença e seu significado na história da salvação. Em seguida inicia-se uma seção acerca dos dois sacramentos: a unção e o viático. Contempla os diversos ofícios e serviços em favor dos doentes, avaliando como positivo e louvável o esforço dos profissionais da saúde na tarefa de aliviar os sofrimentos provocados pela doença e o conseqüente prolongamento da vida. Também os familiares são nominados pela especial participação nesse “ministério de consolação”. Por fim, os ministros (presbíteros) são lembrados de seu dever de visitar pessoalmente os enfermos, de administrar-lhes os sacramentos. Em suma, do ponto de vista da teologia litúrgica, o “Ritual da unção dos enfermos e sua assistência pastoral” (1973) traz expressivos avanços, se comparado ao precedente (1614):

a) A centralidade do mistério pascal de Cristo que veio salvar o ser humano integral. O sacramento dos enfermos é memorial desse mistério, pois continua e atualiza a ação salvífica de Cristo em favor dos doentes, completando, assim, neles, o que falta à sua paixão (cf. Cl 1,24).

b) A redescoberta do valor pneumático do sacramento, especialmente na fórmula de bênção do óleo.

c) A dimensão eclesial e comunitária que perpassa todo o ritual. A Igreja se faz presente junto ao enfermo, pois tem consciência de que o doente é membro do corpo vivo de Cristo na espera da sua glorificação.

### 3. CONCLUSÃO

Situado entre os sete grandes sinais da misericórdia de Deus para a santificação do homem que caminha em direção à pátria celeste, o sacramento da Unção dos Enfermos localiza-se na ação pastoral da Igreja, que também zela pelos seus fiéis e age, no sentido cuidador, administrando a Unção aos moribundos por meio do óleo bento. O próprio Cristo, por meio da Igreja, é quem revela sua compaixão pelos sofrimentos da pessoa e concede tal benefício diante de uma das mais difíceis realidades com que os indivíduos se deparam ao longo da peregrinação terrestre: a dor, a doença, o sofrimento.

O sacramento da Unção dos Enfermos une intimamente o doente a Cristo. No ritual da unção dos enfermos, encontra-se a seguinte petição a Deus:

“Por esta santa unção e pela Sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na Sua misericórdia, alivie os teus sofrimentos”.<sup>4</sup>

Essa oração contém o objeto central desse sacramento, ou seja, confere a ele uma graça especial, que une mais intimamente o doente a Cristo. Jesus veio para revelar o amor de Deus. Frequentemente, faz isso nas áreas e situações em que nos sentimos especialmente ameaçados em função da fragilidade de nossa vida, devido a doenças, morte etc. Deus Pai quer que nos tornemos saudáveis no corpo e na alma, e reconheçamos nisso a instauração do Seu Reino. Por vezes, só com a experiência da enfermidade percebemos que precisamos do Senhor mais do que tudo. Não temos vida, a não ser em Cristo. Por isso, os doentes e os pecadores têm um especial instinto para perceber o que é essencial.

O ritual da Unção dos Enfermos possui forte apelo pastoral, a começar pelo próprio nome: “Ritual da Unção dos Enfermos e sua assistência pastoral”. A necessidade de formação teológico-litúrgica para toda a comunidade torna-se evidente não apenas para romper com uma mentalidade de ser o sacramento da Unção destinada somente para quem está à beira da morte, mas para obter uma visão global dos efeitos do sacramento livrando os fiéis do risco de se fixarem na ideia de cura da doença, dando ao sacramento um sentido de algo mágico.

---

<sup>4</sup> RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

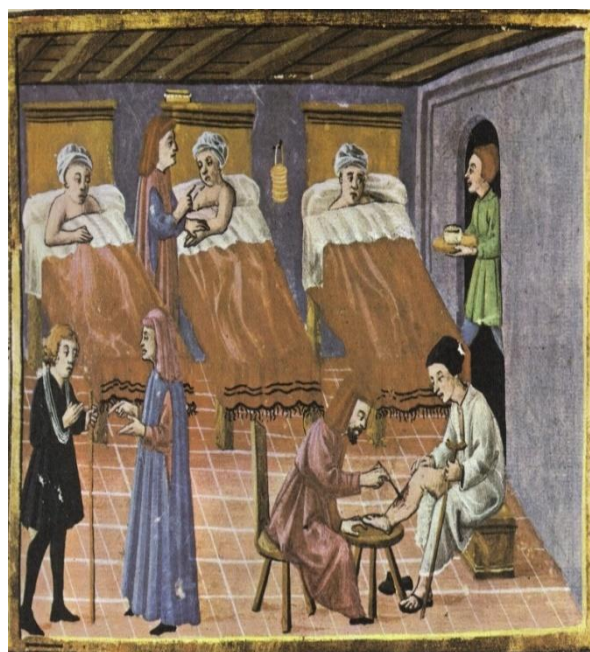


O Sacramento da Unção dos Enfermos deve ser um compromisso com a vida e a saúde. Além do sofrimento físico, próprio da enfermidade, nossos doentes padecem da angústia de se sentirem inúteis, abandonados. A Unção passa a ser uma denúncia profética da situação de morte e de pecado. É também um compromisso com a saúde, a vida dos pobres e a superação de tantas enfermidades biológicas e sociais que atingem os mais pequenos. A Unção dos Enfermos é o Sacramento da esperança e não do desespero. Mas é preciso que em nossas comunidades haja mais empenho com a Pastoral dos doentes, uma presença maior da Igreja junto a essas pessoas que estão sofrendo, e como também aos seus familiares. Reconhecemos que Deus sempre acompanhou a vida dos seres humanos, desde seu nascimento, e que não o abandona nos momentos difíceis, como é o caso de uma doença grave, velhice, ou perigo de morte. A Catequese deve tornar este Sacramento conhecido não como o sacramento da morte mais o Sacramento da vida plena, para que a comunidade se sinta acolhida e amada por Deus.

Em última instância, essa formação pastoral deverá abranger todas as etapas e momentos da vida humana, não apenas restringindo seu campo de ação a quem se encontra gravemente enfermo, mas uma pastoral que tenha implicações no contexto familiar, comunitário, social. Mais que uma pastoral de conservação e remédio ante a doença que se impõe, é uma ação que promove a saúde e o bem-estar de todas as pessoas, à luz do Evangelho.

## Anexos

- 1- Imagem que mostra um sacerdote da idade média realizando a sacramento da Unção dos Enfermos
- 2- Na segunda Imagem sacerdotes e leigos unguindo os Enfermos
- 3- (Foto de meu Pai Abel recebendo alta do hospital em Itatiba-SP e depois de duas semanas ao receber o sacramento da Unção dos Enfermos partiu para casa do Pai).



O sacramento da Unção dos Enfermos une intimamente o doente a Cristo.

**Bibliografia:****BÍBLIA DE JERUSALÉM**

FABER, Eva-Maria. **Doutrina Católica dos Sacramentos**. São Paulo: Loyola, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2.ed. Ed.: Vozes, Paulinas, Ave-Maria, 1993

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.. 2da. Edição São Paulo, Loyola 2004.

MICK, Lawrence E. **Para entender os sacramentos**. São Paulo, Loyola, 2008

RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

ANTOLOGIA LITÚRGICA. **Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

BOROBIO, D. **Unção dos enfermos**. In: (Ed.). A celebração da Igreja II – Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993, p.539-614..

DENZINGER – HÜNERMANN. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

